

UM EDITORIAL SOBRE CORPOS E MOVIMENTOS

É lugar-comum afirmar que foi, principalmente, na Modernidade que as análises acerca das faculdades sensíveis deixaram de estar em segundo plano na tradição da filosofia ocidental, dada a predominância de investigações ligadas ao "espírito" ou ao transcendente. Porém, apesar do advento da Estética como disciplina filosófica autônoma no século XVIII, tais incursões parecem ter ocorrido ainda de maneira um tanto tímida. Contudo, justamente ao considerar o âmbito da Estética – que tem como um de seus principais aspectos a Filosofia da Arte – é certo que dificilmente podemos seguir nessas análises sem considerar os aspectos ligados ao sensível e, mais especificamente, ao corpo. Este que, mesmo antes da arte da performance se estabelecer como esse plano intermediário entre as artes, sempre foi o principal suporte (*medium*) para a produção e para o fazer de quaisquer artistas, sejam pintores, artistas da cena, musicistas, artistas da dança ou poetas. O corpo de tais artistas sempre foi mecanismo fundamental para o seu fazer artístico, fosse para executar movimentos coreográficos, para realizar pinceladas, expressar sentimentos pelas feições do seu rosto, ou utilizar suas cordas vocais para recitar métricas ou entoar versos.

Nesse sentido, urge dedicarmos nossas análises ao corpo como instrumento e ponto de partida das produções artísticas, mas também do movimento produzido por esse mesmo corpo. Na *poiesis* artística, o movimento parece ser um dos principais frutos de corpos, seja em uma visão mais tradicional acerca das formas artísticas, seja em uma perspectiva mais contemporânea e de vanguarda. Apesar de ainda haver certa predominância de reflexões estéticas que mirem certa estabilidade conceitual – a qual visa ou a adequação da arte a antigas categorias, ou a apreensão do acontecimento artístico em uma determinada definição –, a presença corpórea nessas produções é inegável. Nesse sentido, o corpo é uma existência inerente a todas as artes e, por conseguinte, a presença de suas múltiplas movimentações é nítida e irrefutável tanto no artista, quanto no processo de feitura, como também no próprio resultado de tal processo. Essa multiplicidade de deslocamentos presentes e pulsantes em toda e qualquer arte produzida no sensível, *por meio de* e *em* um corpo, é

precisamente um dos fatores constitutivos daquilo que torna tal produção inesgotável, com infinitudes de fluxos, energias e circulações se conectando, desconectando-se, mutando-se, fazendo-se a todo instante.

Tais reflexões trazem consigo questionamentos patententes: o que seriam, propriamente, esses corpos e movimentos? Como eles se dariam e de que modo se constituiriam, tanto no processo criativo quanto no momento em que a arte se presentifica? De que modo se desenham e como podemos rastreá-los? Seriam eles, afetos? Seriam eles somente afetos? Eles se moldam de acordo com o ambiente em que se realizam? Quais corpos produzem que tipo de arte? Qual o papel da ausência de movimento nos corpos para produções artísticas? É possível pensarmos uma dinâmica de criação de movimento sem corpos? Que diferença existe quanto aos corpos entre artes tradicionais e de vanguarda? Nessa perspectiva, a proposta deste dossiê buscou reunir contribuições que pensam e investigam os processos artísticos que são produzidos nos corpos, por meio dos corpos e a partir dos corpos bem como os movimentos gerados nesses processos. Abarcando investigações no âmbito da estética e filosofia da arte, bem como no contexto da teoria e história das artes, de modo que tanto o corpo que dança, encena e performa quanto o corpo que pinta, joga, canta, toca, esculpe, projeta e registra os movimentos presentes nesses processos, além dos eventos ou objetos resultantes, estejam aqui contemplados.

O valor deste dossiê se apresenta na conexão e articulação entre pesquisas oriundas de lugares muito distintos, além de uma ampliação cada vez maior da participação da filosofia nas investigações sobre os temas aqui tratados como centrais. Assim, o dossiê está composto de dezenove artigos, três entrevistas, duas resenhas, e uma tradução inédita do texto de Richard Shusterman, *Somaesthetics: A Disciplinary Proposal*. A seção de artigos é subdividida em duas subseções: I – Ritualidade de corpos e movimentos; e, II – Visualidade de corpos e movimentos. O primeiro grupo de artigos é aberto com *O pensamento e a terra*, da pensadora-dançarina Ana Rita Nicolliello, que em sua escrita ensaística defende uma noção de pensamento deambulatório como ato de corpo inteiro, uma reflexão que surge de sensações, afetos e um estar no mundo. Em seguida, podemos ler o texto *BaianaSystem: Antropofagia é aqui*, em que Laura Belisário e Rachel Cecília de Oliveira partem do conceito de Antropofagia para analisar a trajetória do grupo musical baiano,

atualizando o princípio antropofágico para além de Oswald de Andrade e da Tropicália, propondo uma comunhão e comunicação entre corpos em movimento.

Na sequência da seção, Alexandre Meyer Luz nos entrega uma análise filosófica sobre o conceito de arte marcial em *Os corpos em luta: aspectos epistemológicos da prática de artes marciais*, investigando em seguida os modos como os corpos são utilizados e o desempenho desses corpos durante as lutas. Assim, continuando a temática do artigo anterior, em *Quando a arte e o artista se misturam: a Capoeira Angola e a luta pela liberdade*, Felipe Araujo Fernandes analisa a Capoeira como luta-dança-jogo, em um diálogo com as ideias de cena, movimento, ritual, tempo, e pensando na centralidade do corpo para essa prática ancestral. A seguir, Mauricio Barbosa de Lima, em *Escrevivências sobre corpo, dança e(m) educação no cenário acadêmico brasileiro*, apresenta uma pesquisa sobre corpos, dança, performance e educação a partir do conceito de escrevivência, indicando como a experiência étnica e de gênero atravessa as narrativas construídas por corpos pretos e afeminados sobre si mesmos, e que mostra que a expressão “corpo teórico” nunca fez tanto sentido. Também em uma escrita de si, Fernando Nascimento nos brinda com um relato analítico sobre como as suas experiências na dança na educação básica da escola pública incidem sobre sua formação de *artistaprofessor*, em *A quem interessam minhas memórias dançadas na escola?*

Em *Materialização da imaginação: processos de criação de Carolina Bianchi*, Luisa Jacques Dalgalarondo analisa a trajetória da dramaturga, diretora e performer através de duas obras *LOBO*, de 2018, e *O Tremor Magnífico*, de 2020, e como Bianchi desenvolve seus procedimentos de criação orientando seus performers a partir de uma ação imaginada. Também pensando o contexto cênico, Ronald Rosa e Bárbara Tavares apresentam, em *O trabalho do ator e emoções: um diálogo entre Neurociência das emoções e Memória das emoções de Stanislavski*, uma investigação sobre o papel das emoções, entendidas como reações ambientais, no processo de criação cênica, a partir de um paralelo entre teatro e neurociência. Dois artigos concluem essa primeira subseção, Felipe Saldanha Odier apresenta *Corpografias em performances de canção ao vivo: entre o Pop e o campo experimental*, onde se propõe a pensar a corpografia proporcionada pela performance no contexto de shows de músicas cantadas. E, por fim, Guilherme Caldas Santos apresenta o artigo *Caminhos: a bicicleta como*

instrumento de arte, no qual vemos uma investigação sobre um corpo movente sob duas rodas. Por meio de suas proposições artísticas de exploração rizomática-urbanística, o autor promove uma reflexão sobre a bicicleta como elemento estético-tecnológico.

O segundo grupo dessa seção de artigos, intitulada “II – Visualidades de corpos e movimentos”, é aberta com o artigo de Guilherme Foscolo, *A experiência estética nos videogames*, em que o autor se propõe a refletir sobre uma dupla polêmica envolvendo a experiência estética dos videogames: a de pensar tais jogos eletrônicos como esporte e como arte, fornecendo uma excelente abertura de pauta em um campo pouco explorado pela Estética. Por sua vez, Walter Menon Jr. nos convida a pensar um dos tópicos principais deste dossiê a partir de uma perspectiva negativa. Em *L’horreur cosmique et l’extériorité radicale [O horror cósmico e a exterioridade radical]*, Menon investiga as possibilidades de uma ontologia inorgânica e incorpórea a partir das obras de H. P. Lovecraft e F. L. Romandini. Contudo, se o texto anterior propõe a incorporealidade como princípio ontológico, Sarah Marques Duarte vai num rumo completamente contrário ao escrever *Movimentos de acoplamento corpo-solo na poética de artistas latino-americanes*, e fomentar uma reflexão sobre experimentações artísticas que partem do binômio corpo-terra, propondo cada vez mais chafurdar a terra, e diminuir a distância em relação ao solo. E, em direção comum segue Gislaïne Pagotto, em *Confluências entre arte e natureza na contemporaneidade em corpos latino-americanes [como entidades] nas Artes Visuais: Ana Mendieta, Panema e Uýra Sodoma*, que propõe um olhar a partir de proposições artísticas latino-americanas que partem da premissa do corpo-obra, tensionando as relações entre natureza, cultura e arte.

Ainda seguindo a linha de reflexões sobre a arte da performance, Amabilis de Jesus da Silva e Eduardo Amato, em *Performance arte: práticas simultâneas, coletivas e colaborativas*, apresentam um amplo panorama memorialístico sobre uma rede de encontros colaborativos entre *performers* que trabalham em diversas partes do planeta, em um recorte com ampla variação temporal e espacial. Ao passo que Nathalia Teodósio Vieira, em *Corpos-territórios em museus – espaço de criação/educação*, investiga como a Arte/Educação em um espaço museal constrói saberes intercedidos por memórias, histórias e identidades, dialogando com sujeitos

que têm suas experiências estético-artísticas transformadas a partir de seus corpos no museu. Por seu turno, em *Clint Eastwood: ator e diretor*, Mauro Alejandro Baptista y Vedia Sarubbo analisa a trajetória artística de Eastwood, como diretor e ator, recorrendo aos conceitos de clássico e pós-clássico, além da teoria do Gesto Psicológico de Michael Chekhov. Já Wilson Roberto da Silva elabora um estudo panorâmico, em *Pornografia e gravura: movimentos políticos dos corpos e das imagens estáticas entre o séc. XVI e XX*, sobre como o corpo pornográfico foi representado por meio da gravura em movimentos do ato sexual. Assim, finalizando a segunda subseção de artigos temos o texto *Apropriações poéticas de biossensores: uma abordagem sobre o corpo monitorado na arte*, de Ricardo de Pellegrin e Rebeca Lenize Stumm, no qual autor e autora investigam a utilização de biossensores para monitoramento dos corpos na produção de arte contemporânea, a partir de uma abordagem que associa neurociência e o campo das artes visuais.

A seção de entrevistas apresenta os frutos de algumas atividades realizadas pelo PHI-COMOV (Núcleo de Filosofia do Corpo e do Movimento), desde 2021 –, a partir de convites efetuados, por seus membros, a artistas-pesquisadores envolvidos/as com as artes performativas e/ou artes do corpo. Em *O corpo visual e o corpus plástico: entrevista com Adriana Tabalipa*, Christopher Jonathan Moro traz para o foco o pensamento da artista – nascida em Curitiba e radicada no Rio de Janeiro – acerca do corpo, do movimento, do fluxo e das metáforas existentes em sua prática de *performance art*. Tabalipa é artista visual performer, gravadora, pintora, desenhista e livre-pensadora. Nesta entrevista, Moro consegue trazer à tona o credo artístico de sua entrevistada: o corpo existente no tempo e no espaço, como lugar singular dos sentidos.

Em *"Performance as embodied thinking": interview with Marilyn Arsem*, Izis Tomass apresenta, ao longo de 16 páginas, uma potente discussão/conversa com/sobre a artista da performance e ex-professora da *School of the Museum of Fine Arts*, Boston (SMFA). Arsem expõe, com muita clareza, experiências e aprendizados nos seus mais de quarenta anos de contato com a prática e o ensino da performance, seja institucionalmente ou em workshops ministrados mundo afora. Anderson Bogéa, por sua vez, em *Performance como risco, perversão e transgressão: entrevista com Maikon K*, nos apresenta o percurso investigativo do artista do corpo, cuja experiência

encontra-se calcada em influências xamânicas, trazendo para as suas performances, além do êxtase, elementos como sexualidade, risco e transgressão. Nesta esclarecedora entrevista, Maikon K indica a Bogéa como os limites, entendidos como convenções e normas sociais, podem ser tensionados e deslocados pelo trabalho artístico.

A seção de resenhas, que compõe o presente dossiê, tem início com o trabalho de Cristiane Wosniak, denominado *Arte e(m) educação: reflexões resultantes da experiência do corpo no mundo*. Trata-se da resenha do livro *Arte & pensamento estético* (2021), uma publicação decorrente de um conjunto de textos de Marcos H. Camargo, publicados ao longo dos últimos 14 anos. O objetivo do autor é oferecer praticidade na busca de leituras e consultas aos/às interessados/as em pesquisas sobre educação, arte, filosofia e estética como produtoras de conhecimento. Já Matheus dos Anjos Margueritte é o autor da resenha denominada *O que pode mover o meu corpo na escola?: perspectivas para o ensino da dança na educação básica* que, por sua vez, se reporta à dissertação *Ensino da Dança e a Educação Performativa: possibilidades de corpo na (re)criação do espaço escolar*, escrita pelo professor e pesquisador Me. Jair Mario Gabardo Junior, em 2020, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná.

Por último, a seção de tradução apresenta o texto *Somaestética: uma proposta disciplinar*, traduzido por Anderson Bogéa e Izis Tomass, mediante autorização do autor, a partir de texto originalmente publicado pelo filósofo Richard Shusterman e denominado “Somaesthetics: A Disciplinary Proposal”, como último capítulo do livro *Pragmatist aesthetics: living beauty, rethinking art*. (2nd ed. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2000). O texto é uma apresentação didática da disciplina estruturada pelo autor a partir de suas referências na tradição do pragmatismo estadunidense, das tradições filosóficas analítica e continental, além de sua ampla experiência em educação somática. É preciso destacar que, nesta original empreitada, os tradutores tomaram algumas decisões, no sentido de manter o texto o mais fiel possível ao estilo do autor. As passagens citadas por Shusterman, em geral, foram traduzidas diretamente da versão em inglês utilizadas pelo autor. Nesses casos, Bogéa e Tomass disponibilizaram, ao final do texto traduzido, uma lista das obras referenciadas por Shusterman e que foram publicadas em português no Brasil.

Desse modo, esperamos que artistas, pesquisadores e diletantes das mais variadas artes encontrem nessas páginas um lugar de provocação e estímulo para suas próprias reflexões, no desejo de ampliarmos cada vez mais esse subcampo na Estética e Filosofia da Arte, que é o voltado às investigações do corpo e do movimento. Aproveitamos ainda para agradecer às autoras e autores que colaboraram com este dossiê, aos editores da revista, professora Luciana Barone e professor Francisco Gaspar Neto, e a todas as demais pessoas envolvidas em todas as etapas do processo de edição de uma revista como essa, que exige dedicação e disposição.

Cristiane Wosniak
Anderson Bogéa
Izís Tomass